

Inspirações para o desenvolvimento

Pedro Cezar Dutra da Fonseca é um desenvolvimentista que exhibe um vasto currículo e muitas qualidades. Ivan Colangelo Salomão, organizador do livro *Brasil em Construção – Teoria, História e Economia na Obra de Pedro Cezar Dutra Fonseca*, afirma que seu professor reúne “três características de difícil coadunação concomitante”: notório saber, competência na transmissão das ideias, além de ser um fecundo gerador de conhecimento. Um desses conhecimentos, o desenvolvimentismo, difundido pelo mestre de várias gerações de economistas, assume preponderância em um momento em que a sociedade brasileira se assusta com o futuro. Para Bresser-Pereira, em seu instigante prefácio, Pedro Fonseca é “desenvolvimentista, porque para ele o desenvolvimento econômico é o principal objetivo político das sociedades modernas”.

As origens do saber de Pedro se alicerçam no que escreveram Hegel, Marx e Keynes. São eles que lhe permitem dialogar com Raul Prebisch e Celso Furtado, ícones do desenvolvimentismo da América Latina, continente que ousou erigir um corpo teórico alternativo ao pensamento clássico. Mas Bresser-Pereira inclui Getúlio Vargas entre os mestres do desenvolvimentismo do autor do livro e faz questão de deixar claro que não se enganou ao citá-lo ao lado de Prebisch e Furtado. Para Bresser: “Fonseca não é um mero economista, mas um economista político no sentido clássico da expressão”.

O livro tem três seções que se entrelaçam. A primeira com seis artigos escritos por intelectuais consagrados que conviveram com a trajetória acadêmica e profissional do autor. A segunda apresenta 13 artigos de seus orientandos, economistas

de primeira linha. E a última seção agrupa resenhas escritas sobre dois dos livros de Pedro Fonseca: *Vargas: o Capitalismo em Construção*, lançado em 1989, e *A Era Vargas: Desenvolvimentismo, Economia e Sociedade*, de 2013, este último organizado em parceria com Pedro Paulo Zaluth Bastos. Ao comentar no *Jornal do Brasil* o livro editado, em 1989, Carlos Alberto Sardemberg, atualmente nas Organizações Globo, aponta a extraordinária atuação do presidente Vargas para desenvolver o país, desde antes da Revolução de 1930 até o fim do seu segundo governo em 1954: “Como Getúlio, nas diversas fases por que passou esse processo, soube interpretá-lo e dar um sentido de futuro, como é próprio dos estadistas”.

É inegável que a escolha dos temas de cada capítulo e de seus autores foi feita com cuidado e precisão, mas com certeza haveria outros acadêmicos, ex-alunos de Pedro Fonseca, e outros amigos que convivem ou conviveram profissionalmente com ele, que poderiam escrever artigos para integrar este livro, que faz uma ode a um excepcional desenvolvimentista e ao desenvolvimento econômico.

O espaço desta resenha sobre o livro *Brasil em Construção* não permite que se faça um relato de cada um dos artigos dado à qualidade de todos os que escreveram sobre a obra de Pedro e à quantidade de temas sobre os quais ele escreveu com consciência e propriedade. A solução, então, é concentrar em flashes sobre como no pensamento de Pedro Fonseca a opção pelo desenvolvimentismo está por trás da construção do Brasil.

De acordo com os autores deste livro, Pedro se embrenhou pela história do Brasil em busca da origem do desenvolvimentismo. No final do século XIX, irrompe no Sul do país a Revolução Federalista. Uma guerra civil que inaugura a narração do belo *O Tempo e o Vento*, romance épico de Érico Veríssimo. Os “maragatos”, que abrigavam os latifundiários do Rio Grande do Sul, foram vencidos pelos “pica-paus”, que congregavam os republicanos. É neste acontecimento histórico que Pedro Fonseca inova ao vislumbrar o germe da precoce Revolução Burguesa, que só afloraria em todo o Brasil, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930. Eram os primeiros sinais de mudança na política econômica brasileira habituada ao modelo agroexportador.

Getúlio Vargas faz parte deste movimento modernizador e, como presidente do Rio Grande do Sul no final da década de 1920, demonstra sua preocupação com a oferta de crédito para

irrigar os projetos que estavam transformando a economia do estado. Funda em 1928 o Banco do Estado do Rio Grande do Sul – Banrisul, instituição pública, para conceder financiamento de longo prazo.

Em sua tese sobre o Governo Vargas, Pedro defende que sua política não foi apenas uma ação anti-cíclica que beneficiou os cafeicultores e propiciou o início da industrialização brasileira. O governo Vargas criou leis, códigos, organizações, ministérios, entre outros. Com este arcabouço institucional, Vargas pôde exercer sua intenção de modernizar o país. E esta intencionalidade teve um foco: a industrialização. Esta interpretação se diferencia da de um de seus mestres, Celso Furtado, que atribui às políticas macroeconômicas fiscal, monetária e cambial o estímulo ao crescimento da produção industrial, em seu livro clássico *Formação Econômica do Brasil*.

Outra questão que Pedro procura desconstruir é a acusação de que o governo Vargas empregava práticas populistas para governar. Pelo contrário, ao iniciar seus governos, adotava medidas de estabilização restritivas implantando políticas anti-inflacionárias. Talvez por ter sido ministro da Fazenda do governo de Washington Luiz, tenha aprendido como é enganoso estabelecer práticas expansionistas sem uma estratégia definida. Sua preocupação com o futuro e sua adesão ao trabalhismo o impulsionavam, no entanto, a buscar o crescimento da economia. Tinha convicção de que o crédito era vital para o desenvolvimento do país. Aproveitou a proposta da Comissão Brasil-Estados Unidos, criada durante o governo de seu antecessor, e fundou em 1952 o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, BNDE (hoje BNDES). E neste mesmo ano inaugurou o Banco do Nordeste do Brasil, dando sequência à criação de organizações que propiciaram ao país a crescer, em média, 7,2% ao ano, de 1952 até 1980.

O livro *Brasil em Construção – Teoria, História e Economia* na obra de Pedro Cezar Dutra Fonseca trata de uma gama de assuntos muito mais ampla, e o legado de Pedro Fonseca é inestimável para quem queira refletir sobre o país. O Brasil experimenta uma crise profunda. Em outubro, os brasileiros vão fazer opção sobre propostas econômicas. Ler os livros e artigos de Pedro Fonseca pode ajudar os candidatos a presidente e seus assessores a formular políticas que recoloquem o Brasil na rota do desenvolvimento. E, também com base na leitura de seu livro, os eleitores se preparariam melhor para esco-



lher os governantes. Pedro Fonseca nos mostra com clareza que o brasileiro pode ser novamente um povo com esperança.

Neste momento de desesperança, convém lembrar a mensagem de outro literato, gaúcho dos Pampas como Pedro, o poeta Mário Quintana:

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

Noel Joaquim Faiald



MARCO ANTONIO A. DE ARAUJO LIMA

Engenheiro Civil pela PUC-Rio, com mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ocupou diversos cargos executivos no BNDES. É Secretário-Executivo da ABDE.